



EDIÇÕES ME PARIÓ REVOLUÇÃO

CANÇÕES
DE AMOR
E DENGO

Cidinha da Silva

SÃO PAULO, 1ª EDIÇÃO, 2016

© Direitos reservados à Cidinha da Silva, 2016

CAPA-ILUSTRAÇÃO

Lumena Adad

SUPERVISÃO

Lindalva J. Feitosa Oliveira

PROJETO GRÁFICO

Sandrinha Alberti

CORDENAÇÃO EDITORIAL

Driely Gomes, Laniela Feitosa, Fernanda Mithie, Maria Nilda Carvalho Mota, Lindalva J. Feitosa Oliveira, Eduardo Carvalho Mota, Sandrinha Alberti

REVISÃO E EDITORAÇÃO

Maria Nilda Carvalho Mota

Índice para catálogo sistemático

1. Poesia 2. Literatura brasileira 3. Literatura
Periférica 4. Literatura Negra

104 p.

ISBN 978-85-68318-06-5

1ª Edição: SP, OUTUBRO, 2016

1ª Impressão

Edições Me Parió Revolução

Rua Memorial de Aires, 539 - CEP: 04194-280 - São Paulo - SP

<https://www.facebook.com/mepario/>

<https://nucleopodererevolucao.wordpress.com/edicoes-me-pario-revolucao/>

www.mepario.com

CANÇÕES DE AMOR E DENGO



Cidinha da Silva

Do retorno dos Afetos (ou Uma mão que escreve e seu corpo à volta)

Emerson Inácio

“Traz de volta as asas” é o verso que encerra “Thelêmica”, um dos poemas de amor e de dengo de Cidinha da Silva. Aliás, penso mesmo que o par que ilustra o título seja bem conseguido: são a síntese do resgate do afeto, cada vez mais raro na poesia brasileira mais contemporânea.

Poderia ainda me referir nesse prefácio de que há neste conjunto de poemas um certo aceno para a lírica amorosa, esta, sim, completamente démodé em tempos como os nossos. Atenta que é, Cidinha, como tantas outras pessoas que sentem - o mundo e neste mundo - parece aqui perceber o lapso que foi o abandono

da poesia de amor, em favor de poesia de circunstância e referenciada, sempre bem vinda, claro, mas que muitas vezes peca por esquecer os bons afetos que nos invadem como pessoas que somos. Mas não se trata de um livro de poemas que se dedique unicamente ao canto de amor ou dos amores vários, mas um poemário que parece reclamar um lugar para o afeto no corpo, ele também matéria incomum na poesia dos últimos anos.

Como pessoa que lê o mundo – vide suas crônicas, suas intervenções diárias na web, seus outros livros – Cidinha, traz aos seus poemas aquela bem vinda coloquialidade que antes de ser defeito, é qualidade: um poema que fala tanto ao verso brasileiro, quanto aos leitores mais comuns, apenas porque demonstram uma experimentação humana, comum a tod@s que são human@s e que vivem, com intensidade, essa humanidade.

Penso que Cidinha sempre fizera poemas, mesmo que deles nem tivesse se dado conta, apenas que de e com uma outra forma. Mas isso, deixo como provocação aos seus leitores!

Do mesmo jeito, ao trazer o miúdo da vida, a experiência da religiosidade, o corriqueiro do cotidiano, o futebol, a música que lhe entra pelos ouvidos para o poema, parece desejar Cidinha propor alguns deslocamentos: primeiro, na ideia corrente de sublime, tão apegada ainda às “grandes” apreensões do século XIX; numa outra pegada, ao propor uma lírica amorosa possível ainda - mesmo que vivamos tempos de afetos líquidos - o faz trazendo de volta suas musas, que, de fato, não é mais “aquela”, mas outra, afeita aos afetos femininos, às particularidades dos amores entre duas mulheres, “corpo vulcão” que mitiga dores e que sempre reclama pra si um poema. O terceiro

passo: a leveza com que assinatura de uma poesia negra – de corpo e de mão – comparece nesse conjunto de poemas. Leve porque sem o excesso militante repetitivo que empobrece muitas vezes o poema, se torna ainda mais politicamente potente porque fruto de apuro, cuidado, de palavra acertada e escolhida.

Coisa de mineira, talvez!

O pessoal, de certo, é ainda bem mais político nos poemas de Canções de Amor e Dengo, apenas que agora muito bem revestido por outros suportes, dentre os quais aquele que se demarca na presença presente de um corpo que escreve e que se demarca em identidade textual, como bem vemos nas chaves de leituras oferecidas a nós, seus leitores, como epígrafe: “conheço bem o meu lugar de quilombola”!

Talvez aqui “o pulo do gato” (no caso, da gata), deste poemário de afetos: a pele preta, na sua natureza contemporânea uma pele política, associa corpo e ideologia, articula afetos e vivências em favor de um texto negro, que é texto de afeto e de atravessamentos construídos nas interseções apresentadas e poematizadas por Cidinha: um corpo negro, feminino, que sente em si não só as agruras do amor, mas também as demandas da vida cotidiana. O corpo que ama, sofre, sente e goza, também; celebra e manifesta as grandes energias da nossa matriz afro-brasileira, se despe no texto e se veste de linguagem a fim de demonstrar-se inteiro no poema.

A proposta nada tem de simples, mas pelo contrário: são poemas de vôos, da arte de ter asas e da engenharia de ser passarinho, pra aqui conversarmos com as Áfricas, aquelas mesmas sempre muitíssimo

presente nesta que não é só e nem mais um Silva. A não simplicidade de que falo vem justamente do fato de que o manuseio da palavra tem nesses dengos: a gente olha e vê o simples, a singeleza das coisas e por isso, voamos!, vindo a partir de e através de!

E em voando com o poema, o poema voa também, tanto como leitura benfazeja, mas também pela agilidade da palavra pensada poeticamente por Cidinha: a rapidez que caracterizava a contista e cronista reaparece agora em nova roupa de rainha, oferecendo-nos um poema de acessibilidades, legível, firme e fluido, ao mesmo tempo, na sua capacidade de ser a vida cotidiana e o complexo da existência, e abrindo-se, assim, em asas pr@s leitor@s.

(Por que uso um @? Porque toda obra de Cidinha, até agora, ainda que

marcada na sua, na minha e na nossa pele, no nosso corpo, nos nossos gêneros e nas nossas orientações amorosas, é, antes de qualquer coisa inclusiva, abraçante, envolvente!

Ao fim, o que percebo – e falo desde a minha condição de leitor, apenas – que uma boa prosadora cedeu lugar, de vez (???) à uma tímida poeta – e à poeta ela mesma tímida. Daqui a algum tempo, a perda da timidez vai trazer-nos outros grandes poemas de Cidinha e levar a agora polígrafa autora a figurar, sem vergonha (com e sem hífen), entre a grande poesia mineira de que se faz e em que se apoia a boa poesia grandemente brasileira.

Rio / São Paulo, setembro de 2016.

SUMÁRIO

Manifesto.....	23
Pistas.....	25
Inspirado no deputado Waldir Maranhão.....	27
Onomatopeica.....	29
Tolinha.....	31
Definitiva.....	33
Solilóquio e um verso de Lívia Natália.....	35
É coisa, viu?.....	37
Vermelhor.....	39
Balança.....	41
Corpo.....	43
Química Sentimental.....	45
Tire o seu sorriso do caminho.....	47
Canção da chegada.....	49
Fim de caso.....	51

O fundo do fim.....	53
Ranhuras.....	55
Menina-vagalume.....	57
Náufrago.....	59
Chuva.....	61
Thelêmica.....	63
Correnteza.....	65
Presafácil.....	67
Beijo.....	69
Céu de Ayrá.....	71
Tambor das Águas.....	73
Lençóis.....	75
Rapel.....	77
Candeias.....	79
Pé de flor.....	81
A mulher que domava camelos.....	83
Senhora das águas.....	85

Canção da menina triste.....	89
À mulher consagrada a Iemanjá.....	91
Morro do Pai Inácio.....	93
A voz funda do rio.....	95
Cartas.....	99
Caroço de dedenzeiro.....	101





Às
mulheres que
amei. Àquelas que
me deram (e tiveram)
o melhor de mim.



Manifesto

Podem me catalogar como quiserem. Apenas não esperem que eu vista as roupas que me dão. Ou entre em caixinhas por vontade própria.





Pistas

O encanto infantil pelas trovoadas era sinal ainda latente do trovão que habitava seu corpo. Assim também a pimenta. Ela que já soltava fogo pelas ventas.





Inspirado no deputado Waldir
Maranhão

A casa-grande não me ilude.
Conheço bem meu lugar de
quilombola.





Onomatopeica

As perguntas do Tête-a-tête a espantavam para o refúgio seguro do toc-toc no polo norte da tela.

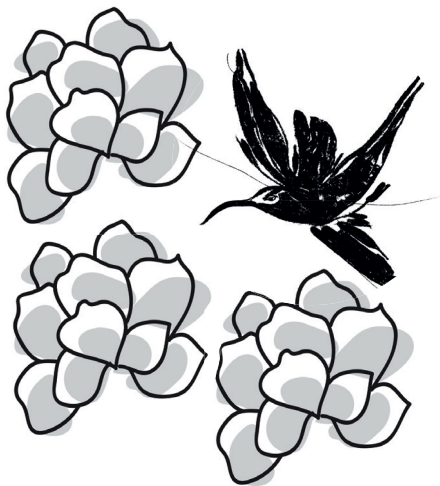




Tolinha

Numa roda de amigas novas, um alerta para evitar constrangimentos: só gostava de meninashas. Tola. Tolinha. *Femme fatale* tomada pela bruma da afetação. Mal enxergava à sua volta as que preferem as mulheres fortes, maduras no reconhecimento da própria imaturidade.





Definitiva

Não me encantam as que se
acham; me derrubam as que são.





Solilóquio e um verso de Lívia Natália

Em ti, mulher da Lua e das
Águas, todos os naufrágios que fiz
de mim.





É coisa, viu?

Era a mulher certa, sim! O relógio da vida é que andava desgovernado.





Vermelhor

Se passar um ônibus vermelho

Ela me ama

Quer apostar?

Ah... assim não tem graça

Vermelha é a cor dessa frota

Sem graça é você

Não sabe nem colorir um sonho





Balança

Amor bom mesmo
Não deixa opção
Sufoca não vivê-lo
Arde
Não consumá-lo
Enlouquece
Não lhe dar atenção

Aquele não era um amor bom
Era uma quejeira cheia de furos
O trabalho
A tese
A distância
O custo-benefício do amor





Corpo

Um corpo
Aconchego
Sem amor
Só movimento
Mas tem valor
Dardo no desassossego
Porto alegre para o ego
Companhia para o *fondue*
Carvão no verão
Combustão
Alaúde no deserto
Outra vez o corpo
Dengo e técnica
Só movimento
Mas tem valor...





Química sentimental

Há dias em que ser o som do alaúde no deserto

Não tem lirismo algum

Dias em que caminhar na areia

Sob o sol e o vento

Transpirando

Fazendo fotossíntese

É a fórmula para decantar o amor

E protegê-lo





Tire seu sorriso do caminho

Tire seu sorriso do caminho

Hoje não tem samba pro meu enredo

Degredo

Não tem alegoria pra minha tristeza

Eu sou só dor

Latejante

Tire seu sorriso do caminho

Hoje meu funk tá sem movimento de bacia

Não tem rima pro meu rap

Não tem Ronaldinho do Barcelona no meu jogo

Meu reggae tá sem sabor

Tire seu sorriso do caminho

Eu quero passar

Adeus, amor





Canção da chegada

Hoje, uma flor perfumada
Um gesto doce qualquer
Tudo abre minhas compo(r)tas





Fim de caso

Tudo o que não soubeste dar

Atenção

Delicadeza

Presentes finos

Cuidado

Carinho

Valor

A beleza vista pelos teus olhos

Tudo o que não fizeste

Amor

Viagens

Casa



Comida

Visita ao festival de cinema de animação

Tudo

Hoje vives

Te permites

Consegues

E a pergunta sem resposta

É o que devasta mais

A memória das tentativas Vãs

Ou o agora?



O fundo do fim

A dor maior do fim daquele amor

Era a ferida desnuda

No fundo do abismo sem fundo

Depois da esperança partida





Ranhuras

Quero Michael no ouvido

Não o mutante

O Jackson Five

Menino que ninava os grandes

Aliviava-lhes o peso do mundo

Mesmo que o mundo lhe doesse tanto

Quero um funk na veia

Não o proibidão

Um funk da Tigrona

Que exorcize meus demônios e quebre

[meu barraco

Quero o colo de Elizeth

Seu amor sem pudor



E sem concessões
Seu mar de erres
Seu canto de mastigar a palavra
E mitigar a dor



Menina-vagalume

Soubesse que querias tão pouco
Teria aberto apenas as portas do corpo
De pronto te daria um poema
E te poupava do meu frêmito existencial
Mas teu capricho foi me fazer chorar
Seis lágrimas
Seis minutos
Seis segundos
Ao cabo
Apouquei a dor
No confim dela





Náufrago

Ai Manoel

Salva-me!

Atira um bote

Que o desespero me traga

Apreendida a lição da faca

A delicadeza não veio abrir a manhã

Ensina-me um assobio

Para chamar de volta o azul do azul

Dá-me um concerto de beija-flores

Para solfejar meu céu

Dá-me o silêncio de tuas pedras

Serena o grito, meu Pai

Eu, guardador de águas

Inda não aprendi a ser rio



Ai minha Mãe,
Socorra-me
Tanta ignorância me devasta
Abrasa de entendimento o peito
Imanta as grandezas do ínfimo
Traz de volta as asas



Chuva

Ontem chovi
Era chumbo
A nuvem que me matava
Chovi mágoa
Contrita
Ebó despachado na praça
Na encruza do tempo perdido
Chovi no pântano dos afogados
Mangue de dor
Sem flor que nasça
Chovi o amor guardado
Tudo é morte
Tudo é renovação
Só por chover
Amor
Vivo





Thelêmica

Desespero era véu e manto

Soubesse morrer

Morria

Largada em qualquer canto

Como não sei

Morri no abraço de Kissimbi

E vieram as mãos do renascimento

Da velha mais velha que Nanã

Aquela que molda a vida antes do

[barro doce

Maneja a lama da kalunga

Faz casa na concha

Na água sangrada do mar

Morada do segredo

Que só Iamy sabe contar





Correnteza

Quando ela quer

Quer com a força de uma queda d'água

Incontestável, indomável, irresistível

Mergulho

No abismo de água doce

E um vazio com gosto de mel

Toma conta de tudo





Presas fáciis

Pegadora... eu?

Não!

Predadora! Devo corrigir.

Ah é? Então me decifra!

Provoquei.

E a loba ruiu.

Abatida.





Beijo

Só depois da entrega

Percebera o quanto fora inútil a resistência

Pois, mansa

Como a sucuri

A boca macia e úmida

Encantara a presa

Antes de comê-la





Céu de Ayrá

Nuvens de urucum e magma

A caminho de Andrômeda

Abraçavam o Sol

Sonolento

Da máquina fotográfica

O registro em água e ouro

Revelação

Minha





Tambor das águas

É do Mara! É do maracá!

Ela tocou tambor no maracatu

Inaugurou linhagem

Reinou na mansidão de Oxum

As águas forçaram as portas

As mãos das mulheres puderam tocar o

[Couro

E o maracatu dos homens

Nunca mais foi o mesmo





Lençóis

Minha amada quando mira as estrelas
Pela miríade de seus olhos mansos
Enxerga tantos brilhos, tantas belezas
E não se perde em certezas
Só tem dança, alegria, água e amor
E eu não me sinto só na imensidão do céu
Porque sei que ela pensa em mim
E meu peito se faz paz
E o corpo, vulcão





Rapel

Cessou a oguniação

Agora invento nomes para as mulheres que amei

Antes evitava o som rascante deles

Espreitava os lugares rochosos, dentro

Hoje tenho cordas e sapatilhas de escalada

Oxum me deu





Candeias

A chama não se apagou
Nem se apagará
És luz de eterno fulgor
Candeia
Enquanto a conexão não se acovardar
E as ondas do mar
Brincarem com a areia
Haverá troca de mel e alegria
Entre o Reino de pedra de Oyó
E o Reino das águas de Ayó
No balanço do balaió
Até candeias





Pé de flor

Os dias eram de geleira. Tivesse me castigado numa estufa, eu, pé de flor que sou, brotaria rosas no caminho dela.





A mulher que domava camelos

Olhos de pássaro

Ela tinha

Olhos de menina que se nina com o véu

Eu me lembrava do olhar de um passarinho

Colibri, Beija-flor, Andorinha

Pássaro preto, Trinca-ferro, João-de-barro

E reconhecia nos olhos dela

O mesmo que de melancolia e ternura

De placidez na liberdade fugidia

Um jeito dos Andes

Das *Mil e uma noites*

Do Sahe



Olhos de cavaleira berbere
Tuareg
Beduína
De domadora de dromedários

Olhos de pássaro
Ela mantinha
Quando me ofertava
Por entre as pálpebras cerradas
A liberdade
No fio sorridente
Da navalha



Senhora das águas

Quando decidires ocupar teu lugar de
[Sol da minha poesia

Te oferecerei o mundo

Em bandejas de ouro e prata

Jarros de flores e água fresca

Todas as manhãs da minha existência

São ordens do Rei que mora em mim

Quando vieres para o teu lugar de Sol

Tecerei um manto de fios de ouro

Com a agulha da palavra

Para te guardar do frio

Para te acolher macia, no meu colo

Quando o lugar teu



Brilhar pela tua chegada
A orquestra de colibris do Menino-rei
Executará o mais belo canto
Jamais ouvido na mata
E te entregará a Chave da metáfora da Caça
A busca do conhecimento
Que te fascina tanto
E me ensinará o tom da flauta que ainda não
[sei tocar
Doravante responsável por acordar o Sol

Quando te instalares na casa de João-de-barro
Que meu amor construiu para ti
Eu brilharei mais do que o astro-rei
Escreverei livros e poemas de amor
E te saudarei dizendo



Enfim chegaste, Minha Rainha!

Plena estou para te receber

Enquanto esse dia não vem

Te espero com palavras de néctar

Nidificando a vida

Na cadência de um samba-canção de Elizeth

Toda amor, ritmo e dengo

Pois é a Senhora das nossas cabeças

Quem toma conta de mim

Quando amo





Canção da menina triste

Vejo em teu triste olhar
Uma estrada infinita de amor
O acordeon geme
Os versos que te traduzem toda
E me silenciam

Enquanto chora o bandolim
Esquadrinho o brilho dos teus olhos
Esbarro em meninas tristes

O pandeiro faz um arabesco
Conclama tua alegria
A flauta sopra em coro
Mas atravessa o choro



A voz do trovador refaz a métrica

Ecoa o refrão

Vejo em teu triste olhar

Uma estrada infinita de amor

Eu, do lado de cá do chorinho

Canto para que as estrelas dos teus olhos

Voltem a sorrir



À mulher consagrada a Iemanjá

Amada

Não procure poemas teus

Nesse cascalho de bobagens minhas

Enquanto te amei

Confesso

Não escrevi poemas a ti

Ocupada demais estive

Em ser feliz





Morro do Pai Inácio

Aquelas foram as primeiras caminhadas
Após largo tempo sem andar
Pai Inácio nos vigiava
Onde fôssemos também o víamos
Tanta água nos cortava
Embalava o cenário de pedras
Ainda vivo o poema de Ana Cristina
A saudade em estação de águas
Prótese da palavra manca





A voz funda do rio

Quando ela diz meu nome em tom grave, quando ri forte e divertida, há uma força telúrica que escapa do lago e faz redemoinhos insondáveis.

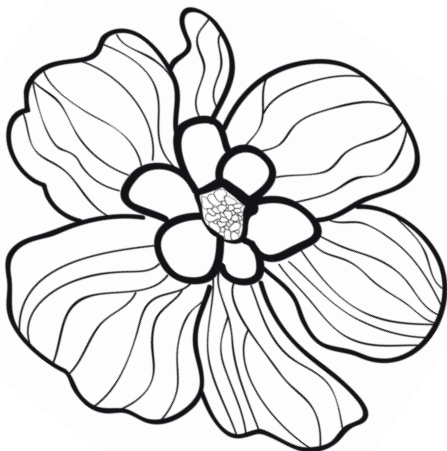
Quando ela diz venha, é sopro de vida, fogaréu de alegria para meu coração que quer tanto segui-la.

Quando ela diz tô com saudade de tu, me derreto como manteiga ao sol. Assim mesmo, com gosto do que se come, do que se degusta.



Eu deixo de ser oblíqua e me
torno pronome-sujeito na língua da
mulher que me ama.







Cartas

Escrevíamos cartas

Longas cartas

Balsas para a travessia da grande água

A dona do rio que a tudo observava

E carregava pedras para se sentar

Concordou

Uma lauda era terra fecunda

Para semear sentimentos

Mar

Recomendou paciência

O rio era largo a perder de vista

A margem

Estreita e incerta





Caroço de dendezeiro

Os dias mais felizes da vida
Brotavam como erva bem-fazeja
O céu ruborizou um abóbora iansânico
No entardecer dos dias frios
As nuvens
Quando surgiam brancas
Compunham uma infinidade de desenhos
Esquecidos desde a infância
A lua ganhou mais uma fase
Cheíssima de amor
Os orixás em festa
Criaram um mundo novo
Sem aquele trabalho todo



Que fora Carregar o saco da existência
Oxum em especial
Ria um riso maroto
De menina arteira
Só Exu
Sábio e cético
Trepado na árvore da vida
Não se iludia
O trabalho
Apenas começava





Edições Me Parió Revolução

A Edições Me Parió Revolução é um selo editorial criado, gerido e sustentado por mulheres integrantes do Núcleo Poder e Revolução, de ação política e cultural formada por moradores da região conhecida como Fundão do Ipiranga (Parque Bristol, Jardim São Savério, Vila Liviero, Jardim Clímax e adjacências), o selo se propõe a editar livros “semiartesanais, bonitos de encher os olhos e a alma, mas sem esvaziar os bolsos”. Dando continuidade à nossa vocação de promover a leitura, facilitando o acesso aos livros, e incentivando autores e autoras estreantes ou não a publicarem seus textos de forma independente. O grupo pretende também disponibilizar gratuitamente ebooks e audiolivros traduzidos para outros idiomas, e a venda dos impressos custeará, além de novas publicações,

as ações dos coletivos Poder e Revolução, como a reocupação do Maloca Espaço Cultural e a Biblioteca Comunitária Livro-pra-que-te-quiero.

Me Parió Revolução: Literatura, Crítica, Artes, Política e algo mais.

OUTROS LANÇAMENTOS DA EDIÇÕES ME PARIÓ REVOLUÇÃO

“DESUMANIZAÇÃO NA LITERATURA”

Org: Fernanda Massi \ Patrícia
Trindade Nakagome

‘ONDE ESCONDEMOS O OURO’

Dinha

“ONDE ESTAES FELICIDADES?”

Carolina Maria de Jesus

“ZERO A ZERO: 15 POEMAS SOBRE O GENOCÍDIO DA POPULAÇÃO NEGRA”

Dinha



Impresso Lá em Casa, São Paulo,
em papel 90g/m²

